RESUMO
Este projeto tem como objetivo levantar questões do processo de educação de alunos com TEA (Transtorno do Espectro Autista), nas concepções de familiares (pais/mães), propondo um diálogo com a literatura. As informações e experiências da família, partilhadas com a escola, oportunizam intervenções e estratégias pedagógicas, a fim de fomentar e potencializar uma aprendizagem mais significativa e o desenvolvimento individual. Para tal, se faz necessária a orientação de professores, bem como a capacitação dos familiares, como formadores. O estudo iniciou-se com uma revisão de literatura, para demonstrar a importância da capacitação de agentes educacionais no processo de ensino-aprendizagem do aluno com TEA nos contextos escolar e familiar. Para ilustrar, duas famílias de alunos com TEA do Ensino Fundamental II responderam um questionário. Identificamos, em um primeiro nível de análise, os seguintes tópicos: momento em que a dificuldade foi percebida; apoio de instituições; importância da escola nessa percepção; apoio da escola no processo de diagnóstico de TEA; participação da família e importância da parceria escola-família no processo de ensino- aprendizagem. Sugerimos a continuidade dos estudos iniciados, com mais tempo e profundidade nos níveis de análise e considerando a importância da escuta, também, das concepções dos educadores e do próprio aluno com TEA; ainda, para benefício do aluno com TEA, que a parceria escola-família se inicie precocemente, tendo em vista as idades de observação de sinais indicativos de TEA entre a Educação Infantil e o início do Ensino Fundamental, com destaque à importância desta transição.

PALAVRAS-CHAVE: Agente educacionais, TEA, parceria família-escola.

INTRODUÇÃO

A criação de políticas públicas a favor da educação especial e inclusiva foi impulsionada pelas reivindicações de diversos movimentos sociais propiciando, paulatinamente, o fim da segregação de alunos com necessidades especiais no ambiente escolar, tornando-se perceptível, neste contexto, o aumento das matrículas de alunos público- alvo da educação especial. Tal aumento mobiliza uma formação

A PARTICIPAÇÃO E O ENVOLVIMENTO DA FAMÍLIA NA VIDA ESCOLAR DO ALUNO COM TEA

A presente pesquisa considera atenção especial à participação e ao envolvimento da família do aluno com TEA no processo de ensino-aprendizagem, tendo em vista que a família é a célula mater de toda e qualquer sociedade. O que faz da família, como base e estrutura de formação, uma instituição de grande valia.

No Brasil, o artigo 226 da Constituição Federal promulgada em 1998 (CF/88), nos faz pesquisar e observar acerca de seu papel, no que tange à formação de um indivíduo em sua integralidade, abrangendo aspectos emocionais, sociais, físicos, econômicos e intelectuais.

A família possui ou deveria possuir um arcabouço de informações que perpassa pelo histórico desde a saúde dos genitores às informações do aluno, como: informações do pré-natal, desenvolvimento motor, primeiros passos, dificuldades encontradas, etc. Quando tais informações são subsidiadas, a escola cria, em parceria com a família, um rol de dados que permite construções e discussões acerca dos avanços ou retrocessos nos processos de desenvolvimento e ensino-aprendizagem.

Mais especificamente, no que tange à educação de alunos com TEA, a importância do vínculo desse aluno com o agente bem como o significado da aprendizagem são fatores importantes na construção de um ambiente educacional satisfatório, o que faz o meio familiar desse aluno, um local mais ou menos apropriado para o aprendizado.

A FORMAÇÃO DOS PROFESSORES COMO AGENTES NA EDUCAÇÃO DO ALUNO COM TEA

Na escola, por sua vez, o professor lida com as diferenças dos diversos alunos, em turmas relativamente grandes, e nem sempre consegue oportunizar uma atenção especial para os alunos com TEA, que acabam sendo expostos a um pequeno tempo de intervenções pedagógicas significativas e planejadas, levando em conta as horas de estudos e as demandas da sala, especialmente, em situações em que o estudante com TEA não tem o acompanhante terapêutico (AT) ou quando não utiliza a sala de Atendimento Educacional Especializado (AEE).

As ações dos professores são orientadas por suas atitudes sociais, que precisam ser objeto de intervenção em qualquer capacitação deles. No caso particular do aluno com TEA, essa necessidade pode ser ainda mais acentuada, pois trata-se de uma condição relativamente nova no contexto de escolas de ensino comum (Benitez; Domeniconi, 2021), para que possam trabalhar de forma colaborativa com a instituição escolar, visando avanços significativos nos processos de desenvolvimento e ensino-aprendizagem. Para tal intervenção proposta é uma continuidade nesse processo de ensino a aprendizagem educacional, no âmbito de outro espaço que não seja a escola, se faz necessária a capacitação de agentes educacionais.

Nos estudos de Maturama et al (2015), a mudança da concepção dos pesquisadores acerca da deficiência foi de grande importância, por considerar a construção social da deficiência. Denota-se, também, a importância de complementar as atividades educacionais, em um trabalho de parceria com a família, visando oportunizar um maior tempo, com intervenções específicas, buscando uma aprendizagem significativa deste indivíduo.

A IMPORTÂNCIA DA RELAÇÃO FAMÍLIA-ESCOLA NOS CASOS DE ESTUDANTES COM TEA

A relação família e escola do aluno com TEA, quando mediada por agentes que são submetidos a capacitação e subsidiados de informações, oportunizam a construção de ações que visam a inclusão, bem como o desenvolvimento, de estratégias e práticas que contribuam para o desenvolvimento do aluno e sua relação com a comunidade a qual está inserido.

A formação de um indivíduo perpassa por suas interações e vivências com seus contextos de desenvolvimento, pois, como afirma Vygotsky "o comportamento do homem é formado por peculiaridades e condições biológicas e sociais do seu crescimento" (2001, p. 63).

MÉTODO

O método de estudo utilizado iniciou-se com uma revisão sistemática de artigos científicos, que tem como característica reconstruir teorias, ideias e suposições, dialogando e confrontando diversos referenciais, com o intuito de demonstrar

a importância da capacitação de agentes educacionais, bem como de sua atuação nos processos de desenvolvimento e ensino- aprendizagem do aluno com TEA, dentro e fora do ambiente escolar.
O critério para escolha dos artigos foi que tivessem sido publicados após 2010, na base de dados da Scielo, no idioma português, utilizando as palavras-chave: agentes educacionais, relação família-escola e TEA.
Para complementar e ilustrar tal discussão, duas famílias de alunos com TEA - sendo ambos estudantes do Ensino Fundamental II - responderam um questionário, contendo seis perguntas dissertativas, a respeito do momento do diagnóstico e da vida escolar dos filhos público-alvo da educação especial:

- Em que momento você percebeu que seu filho possuía uma necessidade especial?
- A escola te ajudou na percepção de que seu filho tinha alguma necessidade especial?
- Você recebeu apoio/orientação da escola ou outra instituição acerca das expectativas ou limitações a respeito da aprendizagem de seu filho?
- A escola lhe procurou para obter informações acerca das potencialidades de seu filho?
- Você contribui no processo de aprendizagem de seu filho, dando aporte ou oportunizando atividades?
- Você acredita que caso fossem ofertadas atividades extracurriculares para seu filho, para que você aplicasse em casa, seu desenvolvimento seria melhor?

Participaram deste projeto de pesquisa duas famílias representadas pelo pai e pela mãe de alunos com TEA, estudantes do Ensino Fundamental II de uma escola da rede privada, moradores da região do Grande ABC, São Paulo. A proposta da pesquisa foi apresentada e os participantes foram orientados a responder um questionário, pautados no consenso do casal e, por uma questão de ética e proteção destes participantes, chamaremos essas famílias de Almeida e Silva.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados desta pesquisa serão demonstrados por meio de tópicos que foram extraídos das respostas aos questionários, que subsidiam nossa discussão. Identificamos, em um primeiro nível de análise, os seguintes tópicos, a partir das concepções e perspectivas de famílias – pais e mães – dos dois alunos com TEA: momento em que a necessidade especial foi percebida pela família; apoio de instituições à família; a importância da escola na percepção dessa necessidade especial; apoio da escola no processo de diagnóstico de TEA; a participação da família no processo de ensino-aprendizagem; a importância da parceria escola-família.
Momento em que a necessidade especial foi percebida pelas famílias. Almeida: "Ele tinha por volta de 3 anos de idade. Percebemos que ele se incomodava muito com barulho, um simples bater de palmas, um estouro de fogos, uma música com volume alto lhe causava irritação. Então começamos a achar estranho. É sabido que pessoas com autismo tem muita sensibilidade auditiva."
Silva: "Entre os 5 e 6 anos. Ao mudar de escola, saindo de uma escola com 40 alunos para uma escola com mais de 1000 alunos. Ele começou a ter um comportamento de arrancar a roupa, derrubar as carteiras, ficava nervoso e não conseguia explicar o ocorrido".
A falta de informação da população, bem como a dificuldade de acesso à assistência de saúde, dificulta o diagnóstico precoce na infância. Segundo o DSM-5 - Manual de Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais - o autismo é um transtorno do neurodesenvolvimento caracterizado por dificuldades de interação social, comunicação e comportamentos repetitivos e restritos (APA, 2013).
As informações advindas da família são de grande importância e municiam a escola, bem como os órgãos de saúde, para oportunizar um diagnóstico precoce. Como vimos, em uma das famílias respondentes os sinais foram percebidos na primeira infância, ainda na Educação Infantil, enquanto em outra foi a transição para o Ensino Fundamental, aos seis anos, que fez levantar a suspeita.

A IMPORTÂNCIA DA ESCOLA NA PERCEPÇÃO DA NECESSIDADE ESPECIAL

Almeida: "Sim. Foi quando estava no Jardim 2, estudando na escola da prefeitura. A coordenadora nos procurou pedindo que fôssemos na escola pois a psicóloga do município queria conver-

sar conosco. Ela nos relatou que esteve analisando o nosso filho durante algumas aulas e havia percebido algumas características diferentes que lhe chamou atenção. Falou que ele parecia não estar prestando atenção na aula, pois dificilmente ficava sentado em seu lugar, mas quando lhe era perguntado sobre o assunto abordado sempre respondia com propriedade, nos orientou a procurar profissionais para que pudessem nos ajudar no seu desenvolvimento".
Silva: "A princípio disseram que o Miguel tinha alguma situação, indicando um local para realizarmos os testes (pagos) para saber o que ele tinha. Foi aí que soubermos que o Miguel está dentro do TEA"
Nos estudos de Camargo et al (2020) foram constatadas algumas barreiras relatadas pelos professores no processo de escolarização do autista, como o fato de que alguns professores não se sentiam preparados para lidar com as especificidades do aluno com TEA. O que demonstra que informar aos familiares que o aluno possui alguma situação atípica, conduz:
a necessidade de capacitação dos professores, para que se apropriando de informações dos pais e de suas possíveis observações de atitudes do aluno possam corroborar junto a equipe multidisciplinar no diagnóstico precoce deste aluno; (b) a importância da equipe multidisciplinar, incluindo o psicólogo, seja na escola pública ou privada.

APOIO DE INSTITUIÇÕES À FAMÍLIA DO ALUNO COM TEA
Almeida: "Sim, principalmente apoio, pois tivemos sorte de quase sempre estar cercado de profissionais que sabiam lidar com crianças habilidades/necessidades especiais. As dificuldades no acesso a terapias, por conta da saúde pública, preconizam o tratamento, bem como no diagnóstico de alunos com TEA, pois muitas famílias não têm condições de subsidiar tratamentos.
Silva: "Neste ponto, eu tive que me dedicar para conhecer as necessidades, adaptações, briguei muito com a escola, para colocar uma acompanhante de sala. Tudo é pago para dar um atendimento de boa qualidade para o meu filho".
Neste tópico, notamos a evidência de dificuldades tanto no acesso à saúde pública como perante os altos custos para o acompanhamento na rede particular.

APOIO DA ESCOLA NO PROCESSO DE DIAGNÓSTICO DE TEA
Almeida "Sempre, pois como sabiam que fazíamos acompanhamento com neurologista e psicólogo estavam sempre cobrando retorno para que pudessem alinhar a melhor forma de ajudá-lo".
Silva: "Não. Eu e minha esposa quem ajudamos as professoras, os profissionais da escola, de como melhor ajudar o meu filho no seu dia a dia."
Os relatos demonstram perspectivas diferentes. Por um lado, a de uma família que é subsidiada de informações pela escola, inicialmente pública, mas que não identifica uma devolutiva ou participação no processo de ensino aprendizagem e, de outro, uma família que tem condições mínimas de subsidiar terapias e tratamentos com recursos próprios, no qual a escola quer se apropriar de informações para propor intervenções pedagógicas para o aluno junto à família.

A PARTICIPAÇÃO DA FAMÍLIA NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM
Almeida: "No aprendizado sim, porém gostaríamos de ter tido mais condições para ter colocado ele mais cedo em escolas especializada no desenvolvimento de suas habilidades".
Silva: "Sim. Abrindo mão a minha vida profissional em 2017, quando o Miguel tinha 9 anos. Isto ajudou muito no seu desenvolvimento tanto motor quanto intelectual. Hoje ele sabe controlar suas crises, por exemplo se estiver em um ambiente muito barulhento pede para sair, sem manifestar uma crise".
Nos seus estudos, Benitez e Domeniconi (2015) apresentam resultados satisfatórios na capacitação de agentes educacionais, no que tange as atitudes sociais no período em que esses permanecem com eles, o que demonstra que se os familiares tivessem acesso a um processo de capacitação poderiam corroborar de forma significativa no desenvolvimento de seus filhos. No entanto, conforme o exemplo da família participante, ainda é comum que essa tarefa fique a cargo, principalmente, das mães.

A PARCERIA ESCOLA-FAMÍLIA
Almeida: "Não tenho dúvida que sim,

pois isso o ajudaria mais ainda, uma vez que as crianças com TEA tem muita confiança nos seus genitores"
Silva: "O meu filho teve todo este estimulo por nossa parte. Acredito que a escola sendo mais participativa neste ponto, ajudará sim no desenvolvimento da criança com TEA".
A importância do vínculo e da afetividade no processo de educação no processo de ensino-aprendizagem do aluno com TEA é algo a se considerar nas propostas de intervenções, fato que denota que seus genitores têm um papel importante neste processo. O envolvimento parental no processo de ensino-aprendizagem pode oferecer ganhos significativos, quando mediado e com apoio do corpo docente, promovendo o acesso do espaço escolar, como no que diz respeito à opinião dos pais sobre como sua colaboração com a escola pode ser importante ao sucesso de seu filho, e mesmo sendo poucos participantes, já apresentaram uma grande diversidade de respostas, indicando escassez de informações sobre como seu auxílio pode ter influências no desempenho da criança.
Quando destacam uma boa relação família-escola, tanto professores como familiares consideram a comunicação e uma maior participação dos pais na escola, como características mais importantes de uma boa relação família-escola. Este resultado indica que, provavelmente, o tipo de concepção que os pais têm sobre a relação família-escola é muito restrita, limitando sua ação dentro da escola (Christovam; Cia, 2013), mas que talvez a concepção que a escola tem da família contemporânea também seja muito restrita à de uma família tradicional com a presença do pai e, especialmente, da mãe, na vida escolar da criança, o que nem sempre corresponde à realidade.
A pesquisa mostra que a desinformação, bem como a falta de apoio por parte dos órgãos institucionais, oportunizam insegurança e medo ao lidar com a aceitação de como educar e ensinar um aluno com TEA; no que tange aos cuidados da família, as dúvidas são frequentes, quanto as potencialidades ou limitações deste indivíduo, sendo muito comum que pais e mães, em especial, mostrem grande dificuldade para aceitar o diagnóstico dos seus filhos, expressando sentimento de tristeza, angústia, medo e insegurança diante do diagnóstico inicial e considerando, muitas vezes, que a escola especial ainda pareça ser a melhor opção para os seus filhos (Benitez; Domeniconi, 2015), enquanto o que buscamos é uma educação para todos. Destacamos a importância de uma intervenção precoce e intensiva nos cuidados com crianças com TEA e, para tal, se faz necessária a capacitação dos cuidadores de ambos os contextos de desenvolvimento família e escola, pois são eles que acompanham o desenvolvimento físico e intelectual destas crianças, de forma integral e sistematizada.
Dados a esse respeito são apontados em estudos retrospectivos sobre os efeitos de uma intervenção comportamental intensiva no desenvolvimento de crianças brasileiras com autismo, realizada precocemente por meio da capacitação de cuidadores, em ambiente domiciliar. Dois instrumentos padronizados (PEP-R e IPO) foram utilizados, antes e após a intervenção, para medir o desenvolvimento dos participantes e avaliar possíveis ganhos decorrentes do processo (GOMES et al, 2017). Da mesma forma, o trabalho de Benitez e Domeniconi (2018) também salienta que a capacitação de agentes educacionais, bem como a intervenção destes, seja no ambiente escolar ou familiar, pode trazer ganhos significativos para o aprendizado destes indivíduos

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A importância da relação escola-família no processo de ensino aprendizagem do aluno com TEA se inicia nas interações com a família, e perpassa o desenvolvimento físico e intelectual de um indivíduo em desenvolvimento, pois seus membros acompanham toda a gestação, com exames de pré-natal, bem como o estado de saúde da genitora, tais dados são de grande importância ao discutir a saúde e o desenvolvimento deste indivíduo em formação, o que oportuniza a família um arcabouço de informações e vivências junto a este indivíduo, e pode contribuir, de forma significativa, para um diagnóstico precoce e possibilitar informações para a escola, quanto ao manejo e possíveis intervenções pedagógicas para esse aluno.
Neste processo de ensino aprendizagem dos alunos com TEA a família pode contribuir de forma significativa. A breve pesquisa empírica respostas de duas

famílias nos mostrou relatos de pessoas que se abdicaram de suas carreiras profissionais para cuidar de seus filhos, pois requer maio atenção e disponibilidade de tempo. Fica bastante evidente a falta de informação por parte dos familiares e agentes educacionais, o que sugere a capacitação destes, oportunizando estratégias pedagógicas em parceria da família e escola.
Assim, sugerimos a continuidade de estudos teóricos e empíricos aqui iniciados, com mais tempo e profundidade como no mestrado ou doutorado aprofundando os níveis de análise e considerando a importância da escuta das concepções dos educadores e, ainda, do próprio aluno com TEA, também sobre as difi-i culdades enfrentadas. Seria importante, ainda, que este trabalho de parceria com a família, para benefício do aluno com TEA, iniciasse precocemente, tendo em vida as idades que apontaram os familiares participantes do seu estudo de sinais de identificação entre a Educação Infantil e o início do Ensino Fundamental, com destaque à importância desta transição.

REFERÊNCIAS

Benitez, Priscila e Domeniconi, Camila. Inclusão escolar: o papel dos agentes educacionais brasileiros. Psicologia: Ciência e Profissão, v. 35, n. 4, pp. 1007-1023, 2015 [online]. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982- 3703000652014> [Acessado 10 Janeiro 2022] Epub Oct-Dec 2015. ISSN 1982-3703.

Benitez, Priscila e Domeniconi, Camila. Atuação do psicólogo na inclusão escolar de estudantes com autismo e deficiência intelectual. Psicologia Escolar e Educacional, v. 22, n. 1, pp. 163-172, 2018 [online]. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2175-35392018013926> [Acessado 10 Janeiro 2022]. Epub Jan-Apr 2018. ISSN 2175-3539.

Benitez, Priscila et al. Atitudes sociais de agentes educacionais em relação à inclusão e à formação em análise do comportamento aplicada. Revista Brasileira de Educação Especial, v.27. 2021 [online]. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1980-54702021v27e0125>[Acessado 10 Janeiro 2022] Epub 23 Jul 2021. ISSN 1980-5470.

Brasil. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988, p. 292. Disponível em<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/ constituicao.htm> Acessado em 23/06/2022.

Brasil. Lei de diretrizes e bases da educação nacional: Nº 4024/61. Brasília: 1961. BRASIL. Senado Federal. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília: 1996.

Brasil. Educação Infantil – Saberes e práticas da inclusão: Introdução. Ministério da Educação: Brasília, 2006.

Brasil. Política nacional de educação especial na perspectiva da educação inclusiva.

Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial: Brasília, 2008.
Brasil. Lei nº 12.764, 27 de dez. de 2012. Política nacional de proteção dos direitos da pessoa com transtorno do espectro autista. Brasília, DF. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12764.htm> Acessado em 23/12/2021.

Camargo, Siglia Pimentel Höher et al. Desafios no processo de escolarização de crianças com autismo no contexto inclusivo: diretrizes para formação continuada na perspectiva dos professores. Educação em Revista, v. 36, 2020 [online]. Disponível em:<https://doi.org/10.1590/0102-4698214220> [acessado 5 setembro 2022]. Epub 10 Jul 2020. ISSN 1982-6621.

Christovam, Ana Carolina Camargo; Cia, Fabiana. O envolvimento parental na visão de pais e professores de alunos com necessidades educacionais especiais. Revista Brasileira de Educação Especial, 19(4), 563-582, 2013.

Gomes, Camila Graciella Santos et al. Intervenção comportamental precoce e intensiva com crianças com autismo por meio da capacitação de cuidadores. Revista Brasileira de Educação Especial, v. 23, n.3, pp. 377-390, 2017 [online]. Disponível em:<https://doi.org/10.1590/S1413-65382317000300005> [Acessado10

Janeiro 2022]. ISSN 1980-5470 <htp://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12764.htm>

Maturana, Ana Paula Pacheco Moraes e Cia, Fabiana Educação especial e a relação família -escola: análise da produção científica de teses e dissertações. Psicologia Escolar e Educacional,v.19, n.2,pp. 349-358,2015[online].Disponívelem:<https://doi.org/10.1590/2175-3539/2015/0192849> [Acessado 1 Outubro 2022]. ISSN 2175-3539.

Mendes, Enicéia Gonçalves. A radicalização do debate sobre inclusão escolar no brasil. Revista Brasileira de Educação, v. 11, n. 33, pp. 387-405, 2006 [online]. Disponível em:<https://doi.org/10.1590/S1413-24782006000300002> [Acessado 10 Janeiro 2022].

Omote, Sadao. Atitudes sociais em relação à inclusão: recentes avanços em pesquisa1. Revista Brasileira de Educação Especial [online], v. 24, n. spe, pp. 21-32, 2018. Disponível em:<https://doi.org/10.1590/S1413-65382418000400003> ISSN 1980-5470 [Acessado 10 Janeiro2022].

Vigotsky, Lev Semenovich. Psicologia pedagógica. São Paulo: Martins Fontes, 2001.